



Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e  
Crítica Literária da PUC-SP

nº 28 - julho de 2022

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2022i28p124-137>

**Nomear o segredo: uma leitura de *Marighella*, de Isa Grinspum Ferraz**

**Naming the secret: *Marighella*, by Isa Grinspum Ferraz**

*Liniane Haag Brum*<sup>\*1</sup>

### RESUMO

O artigo apresenta uma leitura do documentário de longa-metragem *Marighella* (2011), em que defende que o *eu encenado* de Isa Grinspum Ferraz – diretora, roteirista e narradora-locutora do filme – é fruto de uma auto-atribuição para testemunhar, tal como colocada por Shoshana Felman. Tem-se, assim, que não apenas a vida de Carlos Marighella é inventariada no documentário, mas, essencialmente, o testemunho de um segredo transmitido em infância, envolvendo a violência perpetrada pela ditadura civil-militar brasileira, é nomeado, depois de 40 anos. Uma aproximação com o método de análise fílmica de Sylvie Lindeperg, que propõe o resgate da historicidade da imagem de arquivo, serve como substrato analítico, o qual é conjugado com a noção de anarquivamento depreendida de Walter Benjamin por Márcio Seligmann-Silva.

**PALAVRAS-CHAVE:** Marighella; Cinema (documentário); Ditadura Civil-militar Brasileira 1964-85; Anarquivamento; Testemunho de vida

### ABSTRACT

This article presents a reading of the feature-length documentary *Marighella* (2011), in which we argue that the staged self of Isa Grinspum Ferraz – director, screenwriter and narrator-speaker of the film – is the result of a self-attribution to bear witness, as posited by Shoshana Felman. Thus, we have that not only Carlos Marighella's life is inventoried in the documentary, but, essentially, the testimony of a secret passed on in childhood, involving the violence perpetrated by the Brazilian civil-military dictatorship, is named after 40 years. An approach to Sylvie Lindeperg's method of film analysis, which proposes the rescue of the historicity of the archival image, serves as an analytical substratum, which is conjugated with the notion of anarchiving inferred from Walter Benjamin by Márcio Seligmann-Silva.

**KEYWORDS:** Marighella; Cinema (documentary); Brazilian Dictatorship 1964-85; Anarchival; Life testimony

---

\* Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP; Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo – LABJOR; Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI – Campinas – SP – Brasil – [linianehaag@gmail.com](mailto:linianehaag@gmail.com)

<sup>1</sup> Com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

## Apresentação

Existem três produções documentais brasileiras inspiradas em Carlos Marighella (1911-1969). *Carlos Marighella: retrato falado do guerrilheiro*, de 2001, é dirigida pelo cineasta Silvio Tendler. *Marighella*, lançada 10 anos depois, em 2011, tem direção da sobrinha do político e militante, Isa Grinspum Ferraz. Já *Carlos Marighella, quem samba fica, quem não samba vai embora* é uma realização do argentino Carlos Pronzato e veio a público em 2012.

Este artigo é uma adaptação – dir-se-ia uma *evolução* – de um dos capítulos da tese de doutorado defendida por mim no ano de 2020. Então, o trabalho de Isa Ferraz mereceu especial interesse, por estar inserido no contexto “construção das memórias da ditadura” (SELIGMANN-SILVA, 2010, p. 259) por familiares de segunda geração, ou seja, por filhos e/ou sobrinhos de vítimas da repressão aos opositores do regime de exceção – operando a passagem da “história pessoal à coletiva” (FELDMAN, 2018, p. 01). Além disso, a análise de uma amostra da crítica acadêmica e jornalística evidenciou que se colocara em xeque, por assim dizer, a qualidade do filme de Ferraz<sup>2</sup>.

Mais do que uma suposta defesa de *Marighella*, o que se pretende aqui é fornecer uma chave de leitura para que a obra seja lida para além da representação histórica em torno da pessoa do político e guerrilheiro baiano – e da ênfase no binômio herói-ou-bandido. A hipótese subjacente à análise de *Marighella* é que o *eu encenado* de Isa Grinspum Ferraz – diretora, roteirista e narradora-locutora do filme – é fruto de uma autoatribuição para testemunhar, tal como colocada por Shoshana Felman: “[...] uma designação para transgredir os limites daquela posição isolada, para falar intercedendo pelos outros e para outros.” (2000, p. 16). Tem-se, assim, que não apenas a

---

<sup>2</sup> Carla Maia, em um estudo comparatista em que coloca *Marighella* ao lado de *Em busca*, de Iara (Mariana Pamplona, 2013), conclui que ambos são filmes que: “[...] trabalham de modo a construir versões unívocas e retratos bem-acabados. O fato das realizadoras guardarem com suas personagens relações de parentesco – Isa é sobrinha de Carlos Marighella, o poeta e guerrilheiro [...]; Mariana é sobrinha de Iara Iavelberg [...] – parece conferir aos filmes uma garantia a mais, como se fosse possível a elas, enquanto membros da família, um acesso privilegiado à história dos guerrilheiros; e como se suas motivações, não apenas objetivas, mas afetivas, pessoais, conferissem mais força e sentido à empreitada” (2015, p. 399). Já Fernando Seliprandy afirma, sobre o documentário de Ferraz: “Mais do que a explicitação de uma procura subjetiva, as memórias de infância evocadas pela voz em primeira pessoa da diretora são digressões, um desvio momentâneo da narrativa central. O que estrutura o relato não é essa voz hesitante que diz ‘eu’, mas sim as ‘pistas’ que são, no fundo, os marcos firmes que organizam a biografia”. (SELIPRANDY, 2018). Com relação à crítica jornalística, sugerimos a leitura de “*Marighella faz mero retrato familiar do líder comunista*”, de Inácio Araújo, disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1134589-critica-marighella-faz-mero-retrato-familiar-do-lider-comunista.shtml>. Acesso em: 14 jun. 2022.

vida de Carlos Marighella é inventariada no documentário, mas, essencialmente, o testemunho de um segredo transmitido em infância é nomeado, depois de 40 anos.

*Marighella* é lido como o esforço narrativo de autenticar um testemunho de vida: a experiência traumática da diretora-narradora de se saber portadora de um segredo, por meio da revisão do percurso de um tio (“tio Carlos”) que se tornou preponderantemente discursivo, na atualidade. Por outro lado, é também um filme que enfrenta a biografia do notório ex-deputado e líder guerrilheiro e, por enfrentá-la, dialoga com os seus arquivos e lacunas. Assim, na esteira da leitura da autoescritura de Isa Grispum Ferraz, considera-se que *Marighella* opera um anarquivamento (SELIGMANN-SILVA, 2014) audiovisual que faz frente à história oficial.

Na primeira parte deste texto, vamos acompanhar a autoescritura de Isa Grispum Ferraz por meio da locução em *off* que organiza o documentário. Na segunda, a estratégia se inverte e será mostrado como o trabalho com o arquivo, constitutivo ao processo de anarquivamento que o filme produz, é impulsionado pela imagem.

## 1 Nomear o segredo enquanto tal

A documentarista Isa Grispum Ferraz, ao assumir para si a tarefa de rememorar publicamente os momentos de intimidade com “tio Carlos” (Carlos Marighella), alcunhado como “o inimigo número um do Brasil” pelas forças repressivas da ditadura brasileira, constrói uma biografia calcada em memórias pessoais e desenvolvida a partir de entrevistas:

O filme [...] resulta do alinhavo das memórias filtradas pelo tempo, fruto da subjetividade dos depoentes e da própria diretora/sobrinha. Desse modo, fala do militante de resistência e do homem que até certo ponto era para Isa Ferraz, o tio Carlos. (FEITOSA, 2013, p. 280).

A diretora é sobrinha de Clara Charf, companheira e esposa de Marighella, e suas recordações narradas em *off* servem como fio condutor do filme. Ela divide o documentário em sete “pistas”, as quais dão à menina rememorada na narração os subsídios necessários para descobrir quem é “tio Carlos”. É assim que o espectador é conduzido a desvendar, com ela e por meio da fala de seus entrevistados, a verdadeira história do político, guerrilheiro e poeta baiano. No documentário, Antonio Candido declara:

[...] Ele [Carlos Marighella] tinha na constituição biológica dele o povo dele, ele encarnava esse povo biologicamente, e ao encarnar esse povo biologicamente, por uma grande sorte, ele o encarnou também moralmente e psicologicamente. Ele sentiu a necessidade desse povo. Ele era um homem pobre, ele era um homem do povo realmente, ele não abandonou a sua classe. Como membro da sua classe é que ele imaginou para o seu país uma situação em que a miséria acabasse, em que a justiça social se instalasse. (CANDIDO, 2012, 9min 9s).

No entanto, *Marighella* não é marcado por um tempo diegético, nem é fragmentado. As “pistas” colocadas no documentário como estratégia discursiva, para separar os assuntos e abordá-los em blocos, são marcos da vida do líder político. O primeiro marco – ou a primeira pista –, intitulado “Um mulato branco”, se preocupa com a origem e os primeiros anos de Marighella em Salvador, onde nasceu. Em seguida, da segunda à última pista – “Prisão, tortura e liberdade”, “Clandestinidade”, “Terra em Transe” e “Guanabara”, entre outras –, há a centralidade do percurso político de Carlos Marighella.

A motivação narrativa de Isa Ferraz parece ser emocional – como decorrência, o completar e o atestar é o que move a narração. O arquivo tem a função corroborativa: ilustra, reitera, é conclusivo. (BRUM, 2018, p. 278).

A estrutura de *Marighella* justapõe imagens de arquivo (documentos públicos e privados), arquivos de sons, excertos de filmes, entrevistas realizadas em estúdio, arte gráfica, encenação e locução em *off*.

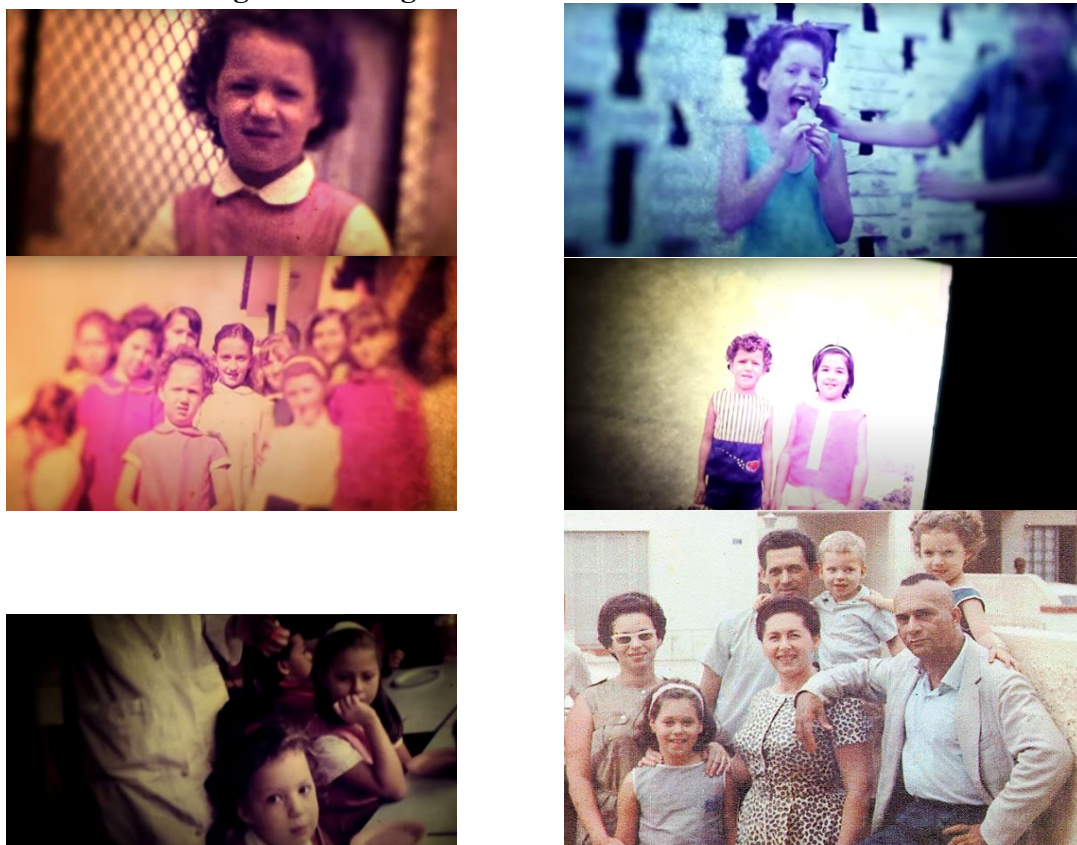
**Figura 1 –Primeira pista**



**Fonte: MARIGHELLA. Direção: Isa Grinspum Ferraz. Produção: Pablo Torrecillas. Roteiro: Isa Grinspum.[S. l.]: TC Filmes, Texto e Imagem, 2012. Vídeo (96 min.), son. color.**

Assim, se os sete marcos – *quadros parados* em que se lê a palavra “pista” e, subsequentemente, vê-se a justaposição de entrevistas e cenas de arquivo – são as fundações da narrativa, os *quadros memorialistas* têm função de *enlace*. Narrados em *tom infantil*, eles são como pontos de ancoragem da vida de Carlos Marighella à infância de Isa Grinspum Ferraz. Esse procedimento abre o filme, mostrando imagens da diretora quando criança, emulando (FELIPRANDY, 2018) o que seja uma composição visual do passado, acompanhado da narração em *off* de Isa Grinspum Ferraz. A diretora de *Marighella* não se coloca em cena como protagonista corporificada, no presente das imagens em movimento; ela é *só uma voz*.

**Figura 2 –Imagens da infância da diretora**



**Fonte: MARIGHELLA. Direção: Isa Grinspum Ferraz. Produção: Pablo Torrecillas. Roteiro: Isa Grinspum.[S. l.]: TC Filmes, Texto e Imagem, 2012. Vídeo (96 min.), son. color.**

O documentário se inicia com a narração de Ferraz, e é essa voz que diferencia seu documentário de outras produções cinematográficas de teor biográfico não ficcionais sobre Carlos Marighella. Quem escreve o texto é a mulher adulta, passadas três décadas do efeito da transmissão de um segredo. Na escritura, ela rememora esse

processo e faz dele uma alavanca para introduzir a *real* história de vida do tio, como se pode observar na primeira locução *em off*:

Um dia, faz mais ou menos quarenta anos, meu pai tava me levando pra escola, e aí ele me disse: Isinha, eu vou te contar um segredo que você não vai poder contar pra ninguém: tio Carlos é o Carlos Marighella. (FERRAZ, 2012, 1min 27s).

A narração traz ao presente a voz da criança ao mesmo tempo que recupera, pelo olhar do adulto, o ambiente sensorial a que esteve suscetível a infância da diretora-narradora. Na entrevista que nos concedeu (assim como em seu pronunciamento na TV SESC), Ferraz conta que foi um choque saber que “tio Carlos” era o Marighella procurado pela polícia. Por toda a cidade de São Paulo, à época, havia cartazes em que se podia ler que Carlos Marighella era o inimigo número um da ditadura<sup>3</sup>:

O nome dele (de Marighella) era proibidíssimo, não podia ser pronunciado até – sei lá – 1986. Eu convivi com esse segredo por muito tempo, pra uma criança é muito pesado, a minha irmã mais velha, que tem quatro anos mais que eu [...] ela não tem nenhuma recordação do tio Carlos. Ela conviveu mais do que eu, ela apagou tudo; a Esther é uma pessoa marcada por essa experiência, porque ela sabia muito antes de mim que o tio Carlos era o Carlos Marighella. Então não era uma coisa simples. (FERRAZ, 2019)<sup>4</sup>.

É neste sentido que o filme de Isa Grinspum Ferraz compõe um *testemunho de vida* (Felman): ele presentifica o segredo forçado à vida de uma criança de 10 anos de idade, que precisa conciliar dentro de si aquilo que sociedade *adulta* jamais teve êxito em conciliar: as figurações de Carlos Marighella “bandido” e de Carlos Marighella “herói”. Sequencialmente, a autoescritura fílmica revela:

O tio Carlos era casado com a tia Clara, irmã da minha mãe, desde que eu me lembro de mim, eles estavam sempre aparecendo e desaparecendo lá de casa. Tio Carlos era carinhoso, brincalhão, escrevia poemas para a gente e contava histórias sobre lugares distantes.

Eu nunca tinha associado o rosto dele ao das fotos dos jornais, das revistas e dos cartazes de procura-se espalhados pela cidade toda.

<sup>3</sup> Sobre a circunstância histórica em que Carlos Marighella se torna o “inimigo número um da ditadura”, ver site do CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/marighella-carlos>. Acesso em: 14 jun. 2022.

<sup>4</sup> Depoimento concedido à pesquisadora através de dispositivo eletrônico WhatsApp. FERRAZ, Isa Grinspum. **Entrevista I**. [dez. 2019]. [Entrevista cedida a] Liniane Haag Brum. São Paulo, 2019. 2 arquivos, extensãoMP3 (59min).

Carlos Marighella era o inimigo número um da ditadura militar. Em 1969 ele foi assassinado em uma rua de São Paulo. Eu acho que esse filme começou a ser feito nesses dias, porque eu sempre quis saber quem foi afinal Carlos, esse tio querido e proibido, que viveu quase 40 anos clandestino sem deixar pistas. (FERRAZ, 2010, 1min 48s; grifos nossos).

A narração da sobrinha-diretora não atua sob a energia de uma direita ou de uma esquerda, mas em um *espaço movediço*; o *agora* no qual quem narra foi e continua sendo – no presente da narração – atingido pelo trauma da violência estatal: “Pra gente ele era um herói”, também diz Isa. Quem é a “gente” a quem ela se refere? Por quem fala “Isinha”? Fala pela irmã emudecida? Ou pelo pai?

Meu pai foi preso e torturado no DOI CODI. Porque queriam saber onde estava minha tia (Clara Charf), depois que meu tio (Marighella) foi assassinado. Prenderam meu pai; foram buscá-lo na fábrica que ele tinha, carregaram, queriam saber onde tava a Clara e ele foi torturado. E meu pai nunca mais se recuperou dessa coisa. Ele não tava preparado pra isso. Porque ele deu guarda pro Marighella a vida inteira, desde Recife quando a gente morava lá, muito antes de eu ter nascido, eles eram muito amigos, meu pai e o Marighella. (FERRAZ, 2019)<sup>5</sup>.

Não se trata, pois, de uma diretora com um “acesso privilegiado” (MAIA, 2015), decorrente do parentesco com o célebre Marighella, mas, antes, de uma fissura que atravessou 40 anos em latência, indo desembocar em uma narrativa fílmica que, assumidamente, se inscreve dentro de um projeto de “ampliação de repertório” (FERRAZ, 2015). Isto é, um projeto artístico que visa ao alargamento do público que possa fruir da narrativa audiovisual *(auto)biográfica* sobre Carlos Mariguella.

## 2 Palavra e imagem (de arquivo)

Carlos Marighella iniciou sua militância ainda na ditadura Vargas, e foi preso e torturado durante esses anos por integrar o PCB, o Partido Comunista Brasileiro.. Sua atuação política foi extensa e impossível de se resumir em poucas linhas: eleito deputado federal pelo PCB baiano, é cassado em 1946, quando seu partido volta à ilegalidade. Logo após o golpe de 1964 pede afastamento do PCB, por divergir do

---

<sup>5</sup> Depoimento concedido à pesquisadora através de dispositivo eletrônico WhatsApp. FERRAZ, Isa Grinspum. **Entrevista I**. [dez. 2019]. [Entrevista cedida a] Liniane Haag Brum. São Paulo, 2019. 2 arquivos, extensãoMP3 (59min).

partido. Funda a organização revolucionária ALN, a Aliança Libertadora Nacional, cujo apogeu se dá em 1969. Entre idas e vindas à prisão e perseguições espetaculares, seu nome e imagem figurou na grande imprensa quase sempre como guerrilheiro e terrorista, alcançando a alcunha de “inimigo número um da ditadura”. Foi morto, segundo os laudos oficiais, por ter resistido à prisão, tendo trocado tiros com os policiais, numa operação liderada pelo delegado Fleury<sup>6</sup>, em 4 de novembro de 1969, em São Paulo, na Alameda Casa Branca, a uma quadra da Avenida Paulista.

Adotada durante anos como verdade, essa versão foi revista por meio do advento da Lei n. 9.140/1995<sup>7</sup>, que instituiu a Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos (CEMDP)<sup>8</sup>. A partir do julgamento sobre as circunstâncias da morte de Carlos Marighella, ele foi reconhecido como morto pelo regime militar. Eis o que afirma o relator do processo, ocorrido em 11 de setembro de 1996, Nelson Massini:

A morte de Carlos Marighella não corresponde à versão oficial divulgada na época pelos agentes policiais. Os indícios apontam para a não ocorrência do tiroteio entre a polícia e seus supostos seguranças e indicam, também, que ele não morreu na posição em que o cadáver foi exibido para a imprensa e para o perito. (COMISSÃO ESPECIAL SOBRE MORTOS E DESAPARECIDOS POLÍTICOS, 1996).

No prólogo do filme que leva o nome do tio, a diretora-sobrinha exibe uma imagem de arquivo da TV Tupi, a cena de Carlos Marighella morto, dentro de um fusca, na posição apresentada para os jornalistas e os peritos em 4 de novembro de 1969. Aos quase três minutos de documentário, imediatamente após a locução de Isa constatar que “Carlos Marighella era o inimigo número um da ditadura militar”, o registro da noite em que ele foi executado emerge, fazendo o filme *começar*.

---

<sup>6</sup> Sérgio Fernando Paranhos Fleury.

<sup>7</sup> Lei que reconhece como mortas pessoas desaparecidas em razão de participação ou acusação de participação em atividades políticas, no período de 2 de setembro de 1961 a 15 de agosto de 1979, e dá outras providências. Íntegra disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1995/lei-9140-4-dezembro-1995-348760-norma-pl.html>. Acesso em: 14 jun. 2022.

<sup>8</sup> A Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos foi instituída em 1995, como uma das primeiras e principais conquistas dos familiares de mortos e desaparecidos políticos no Brasil em sua luta por medidas de justiça de transição. Dentre outras atribuições, a CEMDP buscou o reconhecimento de mortes perpetradas pelo Estado aos seus opositores ideológicos. Foi criada pela Lei n. 9.140, de 04 de dezembro de 1995.



**Figura 3 – Imagens de arquivo da TV Tupi**



**Fonte: MARIGHELLA. Direção: Isa Grinspum Ferraz. Produção: Pablo Torrecillas. Roteiro: Isa Grinspum.[S. l.]: TC Filmes, Texto e Imagem, 2012.Vídeo (96 min.), son. color.**

O espectador assiste à câmera mostrar um fusca com vidros estilhaçados cercado por homens (civis? militares? transeuntes?). A lente procura o interior do veículo e focaliza a face do Marighella, depois seus pés, que pendem para o lado de fora. Corta novamente para o interior do carro e no banco traseiro é flagrada uma peruca. Corta para plano geral do fusca, em que aparecem os mesmos homens do início da cena. Finalmente, Marighella com o corpo morto esparramado dentro do pequeno automóvel.

As controvérsias acerca da morte de Marighella ocuparam especialistas das mais variadas áreas, além de militantes e o próprio Estado brasileiro durante mais de 35 anos. A disputa central foi sempre a circunstância da morte sobre a qual o DOPS e o delegado

Fleury sustentaram – e alteraram a cena da execução para que isso parecesse plausível – uma espécie de “legítima defesa”: Marighella teria alvejado os policiais e, por esse motivo, recebera de volta os tiros que o mataram. Ou seja, Marighella teria sido o responsável por seu próprio aniquilamento:

Nenhuma fraude seria tão longeva como a versão de que Marighella estava armado. No improviso do calor da hora, o DOPS plantou notícias distintas: que ele portava uma pistola 9 milímetros, fantasia acolhida pelo *Jornal da Tarde*; e que empunhava duas armas de fogo, reproduzida pela *Folha da Tarde*. (MAGALHÃES, 2012, p. 560).

A célebre fotografia que foi estampada nos principais veículos de comunicação do Brasil e do exterior, com o corpo jazendo no banco traseiro, foi fundamental nesse processo. O fotógrafo Sérgio Jorge – Sérgio Vital Tafner Jorge –, que teve acesso à cena da morte, pouco tempo após ela ter ocorrido, presenciou o falseamento de Marighella esparramado dentro do fusca. Ele fotografou o guerrilheiro na *posição encenada*, levando o registro à redação da *Revista Manchete*, onde trabalhava. O veículo publicou a fotografia como prova da inocência dos agentes do Estado e o fotojornalista guardou segredo sobre isso – sobre a alteração da posição do cadáver e a convivência da imprensa com essa adulteração – por 44 anos<sup>9</sup>. Ele contou à Comissão da Verdade do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo o que verdadeiramente viu ao chegar à Alameda Casa Branca<sup>10</sup>:

Quando estávamos chegando perto do carro onde estava o corpo – um fusquinha parado embaixo de uma árvore – os policiais mandaram que eu e mais quatro fotógrafos encostássemos em um muro e colocássemos as máquinas no chão.

Antes disso, o então temido delegado do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), Sérgio Paranhos Fleury, aos berros, disse para nós não fotografarmos: “quem fotografar, eu levo preso”. Então ficamos parados, olhando o corpo do Marighella no carro, *sentado ao volante*, com meio corpo e uma perna para fora.

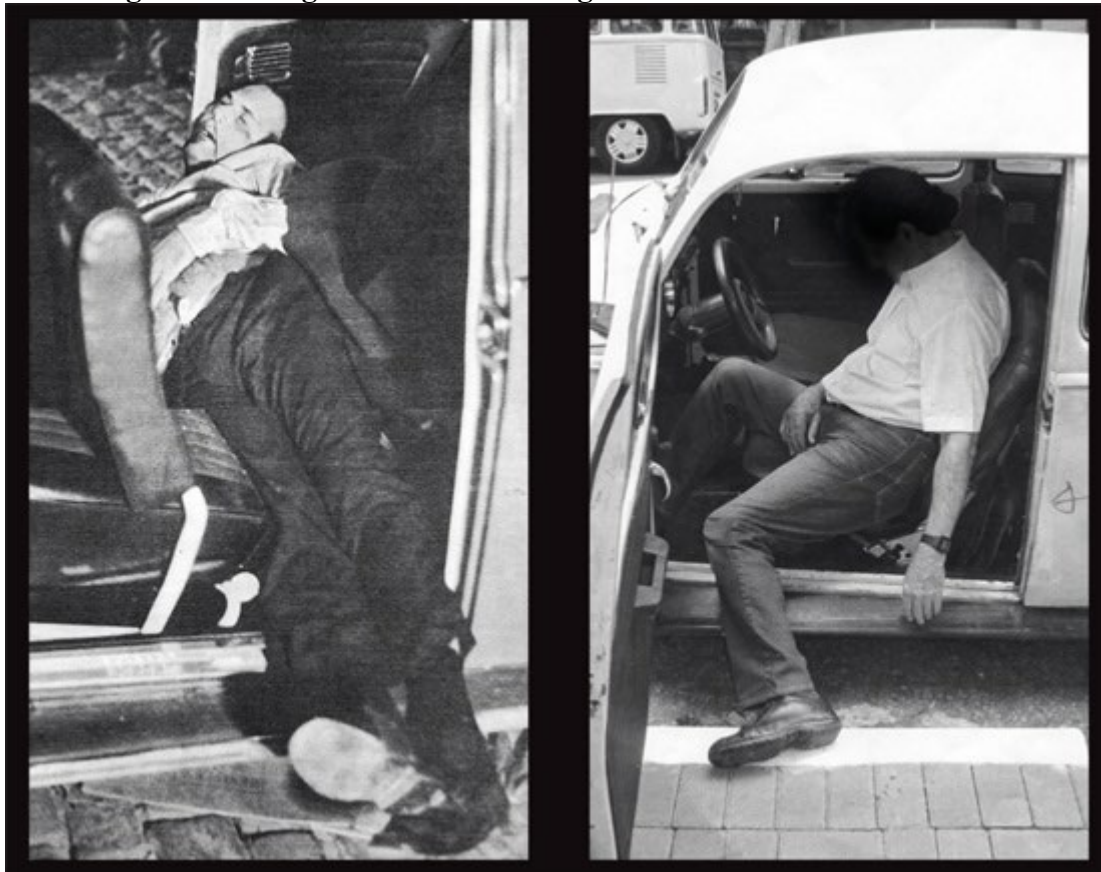
Tinha tiros no vidro da frente e no vidro de trás. Percebi que não tinha resquícios de sangue. Só havia uma pequena mancha no queixo e no

<sup>9</sup> Lê-se o seguinte depoimento de Sergio Jorge em matéria feita pela revista *Isto é*: “Dos fotógrafos que estavam comigo naquele dia, só eu estou vivo. Cheguei à conclusão de que não posso levar para o túmulo a história verdadeira [...]. Sempre tive muito medo, mas com a Comissão da Verdade acho que chegou a hora.”. Disponível em: [https://istoe.com.br/193279\\_A+FARSA+NA+MORTE+DE+MARIGHELLA+/](https://istoe.com.br/193279_A+FARSA+NA+MORTE+DE+MARIGHELLA+/). Acesso em: 14 jun. 2022.

<sup>10</sup> Depoimento reproduzido pelo Site do Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo, a partir de matéria publicada no *Jornal Unidade*, também do Sindicato, edição 364. Em razão das medidas de isolamento social decorrentes da pandemia por coronavírus, não obtivemos acesso à versão integral da notícia. A identificação da fonte, isto é, do site, está na seção Referências deste artigo.

dedo. E ele estava caído numa posição com o pé saindo para fora do carro. Depois apareceram três policiais que retiraram o corpo do Marighella, o deitaram no chão, mexeram nele, retiraram coisas do bolso, tiraram a camisa dele, que estava dentro da calça, para fora. Quando mexeram no corpo, saiu muito sangue pelo buraco do tiro no peito. E na hora de colocar (o corpo) de volta dentro do carro, não conseguiram porque ele era muito grande, pesado. Então um deles deu a volta pelo carro, entrou no veículo e puxou pela porta do passageiro, exatamente na posição que todo mundo fotografou. Então o Fleury autorizou as fotos. (JORGE, 2014; grifos nossos).

**Figura 4 – Imagens de Carlos Marighella na Alameda Casa Branca**



**Fonte: reprodução de imagem que ilustrou matéria de Alan Rodrigues, publicada em 2 de março de 2012, na Revista Isto É, em que se lê a seguinte legenda: “[...] a primeira foto é a versão oficial que o fotógrafo Sérgio Jorge foi obrigado a registrar. A segunda é uma nova reprodução feita por ele: um modelo foi usado para mostrar como estava Marighella antes da encenação policial.”**

Ora, a imagem de arquivo da TV Tupi *anarquivada* por Isa Ferraz em *Marighella* “recoloca a questão da cena da Alameda Casa Branca”, mas como um índice. Assim, se por um lado a narrativa fílmica é corroborativa e quer preencher as lacunas da vida do ex-deputado e militante, por outro, o uso procedimental do anarquivo demonstra que a questão não é tanto se Carlos Marighella é herói ou bandido, mas a inscrição da sua morte como um evento marcador de uma infância e – talvez mais

importante – a circunstância de sua morte como um terreno movediço no passado, no presente e, quiçá, no futuro.

De um modo talvez imperceptível para a crítica menos familiarizada com os meandros da recente história da repressão brasileira, o uso do arquivo pelo procedimento de uma “poética do detalhe” (DENING, 1995 *apud* STOLER, 2018) é imperceptível: mas é ali, naquela imagem, que um dos mais célebres crimes cometidos pela ditadura civil-militar brasileira *fala*.

## REFERÊNCIAS

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. **Brasil: Nunca Mais**. Petrópolis: Vozes, 1985.

BRUM, L. H. O documentário (auto)biográfico como arquivo da ditadura brasileira: em busca de um método. **Revista do SETA**, Campinas, v. 8, p. 272-283, jul. 2018. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/seta/article/view/5873> <http://143.106.176.21/index.php/seta/article/view/5873/6550>. Acesso em: 21 out. 2020.

COMISSÃO DA VERDADE DO ESTADO DE SÃO PAULO RUBENS PAIVA. **Mortos e desaparecidos: Carlos e Marighella**. [São Paulo], 2019. Disponível em: <http://comissaodaverdade.al.sp.gov.br/mortos-desaparecidos/carlos-marighella>. Acesso em: 14 jun. 2022.

COMISSÃO ESPECIAL SOBRE MORTOS E DESAPARECIDOS POLÍTICOS. **Acervo digital do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos** [Brasília, 2017]. Disponível em: <https://cemdp.mdh.gov.br/modules/desaparecidos/acervo/ficha/cid/191>. Acesso em: 14 jun. 2022.

ENCONTRO com Isa Grispum Ferraz. Publicado pelo canal **Revista E Sesc**. São Paulo: SESC, 2010. 7 vídeos (36 min). Disponível em: [https://www.youtube.com/playlist?list=PLit0sCueJFJH6RCFafquHNe1jBX\\_us2aA](https://www.youtube.com/playlist?list=PLit0sCueJFJH6RCFafquHNe1jBX_us2aA). Acesso em: 14 jun. 2022.

FEITOSA, S. A. Um personagem, três diretores, três filmes: uma análise da trajetória de Carlos Marighella nos documentários de Tendler, Pronzato e Ferraz. **DOC On-line: Revista Digital de Cinema Documentário**, n. 15, p. 273-289, 2013. Disponível em: [http://doc.ubi.pt/15/dossier\\_sara\\_feitosa.pdf](http://doc.ubi.pt/15/dossier_sara_feitosa.pdf). Acesso em: 10 mar. 2021.

FELDMAN, I. Podem os personagens secundários falar? Posição feminina no documentário autobiográfico face à memória da ditadura militar no Brasil. **Alea**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p.228-243, ago. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1517-106x/2018202228243>. Acesso em: 14 jun. 2022.

FELMAN, S. Educação e crise, ou as vicissitudes do ensino. *In*: NETROVSKY, A; SELIGMANN-SILVA, M. (Org.). **Catástrofe e Representação**, São Paulo: Escuta, 2000. p. 13-71.

FERRAZ, I. G. **Entrevista I**. [dez. 2019]. [Entrevista cedida a] Liniane Haag Brum. São Paulo, 2019. 2 arquivos, extensão MP3 (59 min).

FERRAZ, I. G. **Entrevista II**. [dez. 2019]. Destinatário: Liniane Haag Brum. São Paulo, 16 out. 2019. 1 mensagem eletrônica.

FERRAZ, I. G. **O ponto e a linguagem**. (Entrevista concedida à Revista SescTV), São Paulo, 10 ago. 2015. Disponível em: <https://sesctv.medium.com/o-ponto-e-a-linguagem-a8761f49ec86>. Acesso em: 14 jun. 2022.

FERRAZ, I. G. Réplica: Rico em depoimentos, filme sobre Marighella não é neutro. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12 ago. 2012. Ilustrada. Disponível em: [https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1138387-replica-rico-em-depoimentos-filme-sobre-marighella-nao-e-neutro.shtml?fbclid=IwAR2mAobVMkVwsPr1QcJvLSMG2zjOj7OHET\\_CC1Vg0NxGneEnXh5Ee1E7gXg&origin=folha](https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1138387-replica-rico-em-depoimentos-filme-sobre-marighella-nao-e-neutro.shtml?fbclid=IwAR2mAobVMkVwsPr1QcJvLSMG2zjOj7OHET_CC1Vg0NxGneEnXh5Ee1E7gXg&origin=folha). Acesso em: 14 jun. 2022.

JORGE, S. V. T. Jornal Unidade: a farsa da morte de Marighella. **Site do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo**, São Paulo, janeiro 2014. Disponível em: <https://www.sjisp.org.br/noticias/jornal-unidade-a-farsa-da-morte-de-marighella-367e>. Acesso em: 14 jun. 2022.

LINDEPERG, S. **La Voie dès Images**. Paris: Éditions Verdier, 2013b.

MACHADO, P.; BLANK, T. A outra vida das imagens: elaborando memórias de um Brasil invisível. **Devires: Cinema e Humanidades**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 68-93, 2015.

MAGALHÃES, M. **Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MAIA, C. História e, também, nada. O testemunho em Os dias com ele, de Maria Clara Escobar. **Cinemas d'Amérique latine**, Toulouse (França), n. 22, p. 140-151, 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cinelatino/882>. Acesso em: 14 jun. 2022.

MAIA, C. Pequenas histórias face à grande história. **Rebeca – Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual**, v. 4, n. 1, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://rebeca.emnuvens.com.br/1/article/view/155>. Acesso em: 14 jun. 2022.

MARIGHELLA. Direção: Isa Grinspum Ferraz. Produção: Pablo Torrecillas. Roteiro: Isa Grinspum. [S. l.]: TC Filmes, Texto e Imagem, 2012. 1 vídeo (96 min.), son. color. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=1cbe8G4G-\\_g](https://www.youtube.com/watch?v=1cbe8G4G-_g). Acesso em: 0 jun 2022

RODRIGUES, A. A farsa na morte de Marighella. **Isto é**, São Paulo, 2 mar. 2012. Disponível em: [https://istoe.com.br/193279\\_A+FARSA+NA+MORTE+DE+MARIGHELLA+/](https://istoe.com.br/193279_A+FARSA+NA+MORTE+DE+MARIGHELLA+/). Acesso em: 14 jun. 2022.

SELIGMANN-SILVA, M. Sobre o anarquivamento – um encadeamento a partir de Walter Benjamin. **Revista Poiésis**, n. 24, p. 35-58, dez. 2014b. Disponível em: <http://www.poesis.uff.br/p24/pdf/p24-dossie-3-marcio-seligmann-silva.pdf>. Acesso em 14 jun. 2022.

SELIGMANN-SILVA, M. Narrativas contra o silêncio: cinema e ditadura no Brasil. **Letterature d'America**: rivista trimestrale, Roma, v. 30, n. 130, 2010. Disponível em: <http://digital.casalini.it/10.1400/168426>  
[https://www.academia.edu/33009624/\\_Narrativas\\_contra\\_o\\_sil%C3%A0ncio\\_cinema\\_e\\_ditadura\\_no\\_Brasil\\_Letterature\\_d\\_America\\_2010\\_copy.pdf](https://www.academia.edu/33009624/_Narrativas_contra_o_sil%C3%A0ncio_cinema_e_ditadura_no_Brasil_Letterature_d_America_2010_copy.pdf). Acesso em maio 2019.

SELIPRANDY, F. Imagens de Marighella: o cineasta militante, a diretora-sobrinha, o mesmo herói. **Idées d'Amériques**, Primavera/verão, 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/ideas/1578>. Acesso em: 14 jun. 2022.

SOARES, W. S. **De inimigo público a herói nacional**: representações da morte de Carlos Marighella. 2012. 136 páginas. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá. Disponível em: <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/2989>. Acesso em: 14 jun. 2022.

STOLER, A. L. Os arquivos e a arte da governança. *In*: HEYMANN, L.; NEDEL, L. (Org.). **Pensar os arquivos**: uma antologia. Rio de Janeiro: FGV, 2018. p. 207-236.

*Data de submissão: 13/03//2022*

*Data de aprovação: 09/06/2022*